



EDIÇÃO CRÍTICA DE  
**FERNANDO PESSOA**

**VOLUME XII**



**LIVRO DO  
DESASOCEGO**

**Tomo I**

**IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA**

Ministério da Cultura  
Grupo de Trabalho para o Estudo do Espólio  
e Edição da Obra Completa de Fernando Pessoa  
Coordenador: Ivo Castro

EDIÇÃO CRÍTICA DE FERNANDO PESSOA  
*Série Maior, Volume XII*

Volumes da Série Maior

- I. Poemas de Fernando Pessoa  
tomo I: até 1914 (*em publicação*)  
tomo II: 1915-1920 (*publicado*)  
tomo III: 1921-1930 (*publicado*)  
tomo IV: 1931-1933 (*publicado*)  
tomo V: 1934-1935 (*publicado*)  
Mensagem e Poemas Publicados em Vida (*em publicação*)  
Quadras (*publicado*)  
Rubaiyat (*publicado*)
- II. Poemas de Álvaro de Campos (*publicado*)
- III. Poemas de Ricardo Reis (*publicado*)
- IV. Poemas de Alberto Caeiro (*em publicação*)
- V. Poemas Ingleses  
tomo I: Antinous, Inscriptions, Epithalamium, 35 Sonnets (*publicado*)  
tomo II: Poemas de Alexander Search (*publicado*)  
tomo III: The Mad Fiddler (*publicado*)
- VI. Obras de António Mora (*publicado*)
- VII. Escritos sobre Génio e Loucura (2 tomos) (*publicados*)
- VIII. Obras de Jean Seul de Méuret (*publicado*)
- IX. A Educação do Stoico (*publicado*)
- X. Sensacionismo e Outros Ismos (*publicado*)
- XI. Cadernos  
tomo I (*publicado*)  
tomo II (*em publicação*)  
tomo III (*em publicação*)  
tomo IV (*em publicação*)
- XII. Livro do Desasocego (2 tomos) (*publicados*)

# Apresentação

Começo amanhã, sábado, a procurar e juntar os papéis do «Livro do Desassossego».

Maria Aliete Galhoz a Jorge de Sena,  
carta de 6-5-1960 (in *Persona*, n.º 3, 1979: 42)

Esta é a primeira edição crítica do *Livro do Desasocego*, que logo no título anunciava a sua pluralidade. Pessoa escreveu *desassocego*, *desasossego* e *desasocego*, optando, nos últimos anos, por *desasocego*. Tem mais de mil páginas — e podia ter tido muitas mais —, embora nela se proponha um corpus textual mais reduzido e menos fragmentado do que nas edições anteriores. Não é que Fernando Pessoa crie paradoxos, é que uma edição crítica do *Livro do Desasocego* dificilmente podia ter menos páginas. O *Desasocego* é o grande livro de Pessoa, *O Grande Livro como dizem os francezes* (1-82<sup>r</sup>), e cada linha, cada palavra, cada vírgula é importante. Sem ir mais longe, em todas as edições da obra a referência aos *francezes* não existe: falta em 1982 (Ática); em 1990-1991 (Presença) lê-se: «O Grande Livro que diz quem fomos»; em 2008 (Relógio d'Água) lê-se: «O Grande Livro que diz que somos»; em 2009 (Assírio & Alvim) lê-se: «O Grande Livro que diz que fomos». Somos? Fomos? Não, *francezes*, com a ortografia da época. Que era preciso então para propor um novo texto? Rever leituras e analisar com serenidade científica o *desasocego* editorial do *Livro*; introduzir alguma ordem e privilegiar a transparência (ver a «Tábua de concordâncias»), depois de ter procurado obter uma visão de conjunto.

Começarei por explicar o aparente paradoxo: uma edição mais volumosa que propõe um corpus textual mais reduzido e menos fragmentado. O corpus da primeira edição, que tanto deve a Maria Aliete Galhoz (*prima inter pares*), a Teresa Sobral Cunha e a Jacinto do Prado Coelho, sofreu uma tendência inflacionária depois de 1982. A partir da década de 1990, o *Livro do Desasocego* tornou-se uma espécie de arca em que foram sendo «depositados» novos escritos; era «O Grande Livro», e tudo o que Pessoa escreveu — até um apontamento solto com a palavra inglesa *pursuit* (e não «persistir») — parecia ter cabimento nessas páginas. Alguns desses escritos

já tinham sido publicados e foram redireccionados para o *Livro*; outros eram inéditos e permitiam criticar a louvável edição de 1982. Dada a existência de uma tendência inflacionária, o primeiro passo que se impôs foi de índole filológica: estudar cada texto, quer da primeira edição, quer das subsequentes, suspender o juízo por um momento e perguntar: este texto será mesmo do *Livro*, esse seria o seu destino? A pergunta não era nada simples porque Pessoa não identificou todos os escritos com a abreviatura *L. do D.* e em mais de uma ocasião hesitou em relação ao destino de alguns dos seus textos. Além disso, em muitos casos pontuais, dois ou mais editores respondiam de maneira diferente à pergunta acerca da pertença de um texto à obra, ou respondiam com uma certa ambiguidade, porque a fragmentos incluídos na sua edição do *Livro* também deram outros destinos (um conjunto de aforismos ou a prosa de Alberto Caeiro, por exemplo). De resto, essa ambiguidade era previsível, porque o *Livro*, nas vivas palavras de Eduardo Lourenço, «comporta *todos os textos* de Fernando Pessoa», dado que nas suas páginas «dialogam *indistintamente* os fantasmas bem presentes de Caeiro, Reis e sobretudo de Campos, mas igualmente o do nunca sepulto autor da “Floresta do Alheamento” que aqui, em sumptuoso “requiem” à memória do wagneriano Luís II, nos aparece como Fernando, rei da nossa Baviera de sonho» (*Fernando, rei da nossa Baviera*, 1993: 89).

Fundamentalmente, o corpus desta edição crítica é mais reduzido por dois motivos: porque a crítica textual — como disciplina académica, que pode ter implicações éticas — levou a questionar a inclusão de muitos fragmentos; e porque o próprio conceito de trecho foi objecto de crítica. Evoco umas palavras de Ivo Castro: «Uma edição chama-se crítica quando resulta de uma dúvida metódica em relação às condições existentes de um determinado texto e de uma inquirição aos seus testemunhos mais autorizados, feita de fresco e sem restrições» (*Defesa da Edição Crítica de Fernando Pessoa*, 1993: 43). A edição Ática tem mais textos — evito a utilização da palavra, mais fácil, «trecho» — porque alguns textos, escritos em dois ou mais momentos ou separados por traços, foram divididos em muitos textos. Como conceito, um «trecho» remete para uma realidade muito mais circunscrita do que um «texto» — que pode referir-se a um livro ou a um aforismo —, mas, enquanto sinónimo de fragmento, o termo também assenta numa ambiguidade problemática: teoricamente, qualquer apontamento poderia candidatar-se a ser um «trecho». Se a numeração dos textos do *Livro do Desasocego* não é, simultaneamente, um acto de contabilidade, isso deve-se a haver textos que em algumas edições são muitos textos, e outros que eram muitos e, tardiamente, perderam essa pluralidade. No caso do *Livro do Desasocego*, a delimitação hipotética do «todo» começa pela delimitação conjectural das suas «partes», para usar uma linguagem que a própria obra põe em causa.

Um texto desta edição — em que foram mantidos os traços divisórios do autor — pode corresponder a dois ou mais de uma anterior.

A organização do presente volume — o XII da Edição Crítica de Fernando Pessoa — procura ser cronológica e o mais objectiva possível. Esbocei os princípios que regem esta organização — que não difere do modelo seguido em outras edições da Equipa Pessoa — no volume IX, *A Educação do Stoico*, que sempre vi como um *Livro* em escala reduzida. Ambas as obras coincidem parcialmente no tempo, e o Barão de Teive e Bernardo Soares são considerados por Pessoa como semi-heterónimos ou *figuras minbamente albeias* (16-58<sup>o</sup>; ver «Apêndices»). Esta edição também procura «um grande compromisso entre materialidade e sentido»; e a sua organização também «não responde a uma leitura subjectiva dos conteúdos das peças individuais, senão a um estudo cuidadoso de cada um dos suportes». Aqui é preciso que defenda abertamente duas tarefas sem as quais este volume não teria sido possível (v. o «Estudo», no tomo II) e às quais espero que a Biblioteca Nacional de Portugal continue a ser sensível: o exame físico dos originais e a conferência global de todas as peças, dispondo-as em simultâneo. Para estruturar este volume foi decisivo um atento exame material dos originais e a sua disposição lado a lado sobre um conjunto de mesas. O tamanho exacto de uma folha, a existência de uma marca de água (menos visível quando a folha é mais espessa), a irregularidade de um corte, a cor e o matiz da tinta, etc. são elementos preciosos para aproximar documentos dispersos no espólio pessoano e, em alguns casos, para propor uma datação. O texto fiável que uma edição crítica procura apresentar — porque multiplica os confrontos, estuda a génese dos textos, etc. — é também o resultado de diversas investigações de índole material. Veja-se a este respeito a introdução de Luís Prista ao volume das *Quadras* — a Prista devemos a organização desses poemas — ou o estudo de Ivo Castro do *dossier* d'O *Guardador de Rebanhos*, que permitiu reconsiderar a história do dia triunfal. Se este *Livro do Desasocego* não propõe uma nova arrumação subjectiva e quase espectacular da obra — já Sidónio Paes e Fernando Cabral Martins falaram numa montagem de atracções (in *Colóquio-Letras*, n.º 155/156) — é porque se apoia num paciente trabalho de arquivo.

Darei explicações circunstanciadas sobre a presente edição do *Livro do Desasocego* no «Estudo» (tomo II). Resta dizer que, quanto a mim, esta edição permite perceber melhor algumas questões — como as das autorias do *Livro*, as fictícias e a real — e advertir até que ponto a obra de Pessoa, e em particular esta, tem sido construída postumamente. Quem percorrer o Aparato Genético surpreender-se-á com o número de divergências textuais e com a história da «migração» de alguns textos. Este volume demonstra, a meu ver, não só a necessidade de certos apêndices e quadros algo de-

morados, como a complementaridade entre o Texto Crítico e o Aparato Genético. Este último parece-me capital para se perceber como um dos livros canónicos da literatura portuguesa foi mudando com o tempo, como foi canonizado antes de ter alcançado uma relativa estabilidade. A história do *Livro do Desasocego* também é a das suas edições, e é com essa história que esta nova edição dialoga: nomeadamente com a primeira edição, da qual, como se de um manuscrito mais antigo se tratasse, as outras edições se afastam ou a que se mantêm fiéis; ou, às vezes, afastam-se, para mais tarde a ela regressarem.

Não quero terminar sem agradecer o auxílio de Jorge Uribe em algumas tarefas mais trabalhosas, como a primeira versão da Tábua de concordâncias, nem sem manifestar um voto de gratidão a todas as pessoas que me têm ajudado a sentir que Lisboa também é meu lar.

## TEXTO CRÍTICO

Nesta parte do volume publicam-se criticamente todos os textos pertencentes ao «Livro do Desasocego». As cotas dos testemunhos usados para a edição de cada texto são indicadas entre colchetes a seguir ao número de ordem do texto; o testemunho base vem em primeiro lugar.

Há dois tipos de chamadas para notas: as alfabéticas remetem para pé-de-página; as numéricas, para o Aparato Genético.

No Texto Crítico, para além dos colchetes que servem para desenvolver abreviaturas, podem ocorrer quatro símbolos, também usados no Aparato Genético, que têm o seguinte valor:

- espaço deixado em branco pelo autor
- \* leitura conjecturada
- // lição dubitada pelo autor
- † palavra ilegível

I [4-68<sup>r</sup>]

[1913?]

Minha alma é uma orchestra occulta; não sei que instrumentos tangem e rangem<sup>1</sup>, cordas e harpas, timbales e tambores, dentro de mim. Só me conheço como symphonia.<sup>2</sup>

---

Todo o esforço é um crime, porque todo<sup>3</sup> o gesto é um sonho morto.<sup>4</sup>

---

As tuas mãos são pombas<sup>5</sup> presas. Os teus labios são rolas mudas. (que os<sup>6</sup> meus olhos vêem arrulhar).

Todos os teus gestos são aves. És andorinha no abaixares-te<sup>7</sup>, condôr no olhares-me, aguia nos teus extases de orgulhosa indifferente. É toda ranger de azas, como dos □, a lagoa de eu te vêr.

Tu és toda alada, toda □

---

Chove, chove, chove...

Chove constantemente, gemedoramente, □

Meu<sup>8</sup> corpo treme-me a alma de frio... Não um frio que ha no espaço, mas um frio que ha em eu ser o espaço...<sup>9</sup>

---

Todo o prazer é um /vicio/, porque<sup>10</sup> buscar o prazer é o que todos fazem na vida, e o unico vicio negro é fazer o que toda a gente faz.

2 [4-69]

[1913?]

Eu não sonho possuir-te. Para que? Era traduzir para plebeu o meu sonho<sup>1</sup>. Possuir um corpo é sêr banal. Sonhar possuir um corpo é talvez peor<sup>2</sup>, ainda que seja difficil sel-o: é sonhar-se banal — horror supremo.

---

E já que queremos ser estereis, sejamos tambem castos, porque nada pode haver de mais ignobil e baixo do que, renegando da Natureza o que n'ella é fecundado, guardar villâmente d'ella o que nos praz no que renegamos. Não ha nobrezas aos bocados.<sup>3</sup>

Sejamos castos como /labios mortos/<sup>4</sup>, puros como corpos sonhados, resignados a ser tudo isto<sup>5</sup>, como freirinhas doidas...

Que o nosso amor seja uma oração... Unge-me de vêr-te que eu farei dos meus momentos de te sonhar<sup>6</sup> um rosario onde /os meus tédios serão padre-nossos e as minhas angustias ave-marias.../<sup>7</sup>

Fiquemos assim eternamente como uma figura de homem em vitral defronte de uma figura de mulher n'outro vitral... Entre nós, sombras cujos passos sôam frios, a humanidade passando... Murmúrios de rezas, segredos de □ passarão entre nós... Umas vezes enche-se bem o ar de □ de incensos. Outras vezes, para este lado e para aquelle uma figura de estatua [69<sup>v</sup>] rezerá aspersiones... E nós sempre os mesmos vitraes, ora côres quando o sol nos bata, ora linhas quando a noite caia...<sup>8</sup> Os seculos não tocarão no nosso silencio vitreo...<sup>9</sup> Lá fóra passarão civilizações, escacharão revoltas, turbilhonarão festas, correrão mansos quotidianos povos... E nós, ó meu amôr irreal<sup>10</sup>, teremos sempre o mesmo gesto inutil, a mesma existencia falsa, e a mesma □ até [que] um dia<sup>11</sup>, no fim de uns seculos de imperios,<sup>12</sup> a Igreja finalmente rúa e tudo acabe...

Mas nós que não sabemos d'ella ficaremos ainda, não sei como, não sei em que espaço, não sei porque tempo, vitraes eternos, horas de ingenuo desenho pintado por um qualquer artista<sup>13</sup> que dorme ha muito sob um tumulo godo onde dois anjos de mãos postas gelam<sup>14</sup> em marmore a idéa de morte.

3 [4-70<sup>r</sup>]

[1913?]

### *Glorificação das Estereis*

Se d'entre as mulheres da terra eu viér um dia a colher uma<sup>1</sup> esposa, que a tua prece por mim seja esta — que de qualquér modo<sup>2</sup> ella seja esteril.<sup>3</sup> Mas pede tambem, se por mim rezares, que eu não venha nunca a obter<sup>4</sup> essa esposa supposta.<sup>5</sup>

Só<sup>6</sup> a esterilidade é nobre e digna. Só o matar<sup>7</sup> o que nunca foi é raro<sup>8</sup> e sublime<sup>9</sup> e absurdo.

4 [4-75<sup>r</sup>]

[1913<sup>?</sup>]

*N[oss]a S[enhor]a do Silencio.*

Ás vezes quando, abatido e humilde, a propria força de sonhar se me<sup>1</sup> desfolha e se me séca, e só posso ter como sonho<sup>2</sup> o pensar nos meus sonhos, folheio-os então, como a um livro que se folheia e se torna a folhear sem ter mais que palavras inevitaveis<sup>3</sup>. É então que me interrogo sobre quem tu és, figura que atravessas todas as minhas visões demoradas de paysagens lentas<sup>4</sup>, e de interiores antigos e de cerimoniaes faustosos de silencio. Em todos os meus sonhos ou appareces, sonho, ou, realidade falsa, me acompanhas. Visito contigo regiões que são talvez sonhos teus, terras que são talvez corpos teus de ausencia e desumanidade, o teu corpo essencial descontornado para planicie calma e monte de perfil frio em jardim de palacio occulto. Talvez eu não tenha outro sonho senão tu, talvez seja nos teus olhos, encostando a m[inha] face á tua, que eu lerei essas paysagens impossiveis, esses tedios falsos, esses sentimentos que habitam a sombra<sup>5</sup> dos meus cansaços e as grutas dos meus desassocegos. Quem sabe se as paysagens dos meus sonhos não são o meu modo de não te sonhar? Eu não sei quem tu és<sup>6</sup>, mas sei ao certo o que sou? Sei eu o que é sonhar para que saiba o que vale o chamar-te o meu sonho? Sei eu se não és uma parte, quem sabe se a parte essencial e real, de mim? E sei eu se não sou eu<sup>7</sup> o sonho e tu a realidade, eu um sonho teu e não tu um Sonho<sup>8</sup> que eu sonhe?

Que especie de vida tens? Que modo de vêr é o modo como te vejo? Teu perfil? Nunca é o mesmo, mas não muda nunca. E eu digo isto porque o sei, ainda que não saiba que o sei. Teu corpo? Nu vejo-o<sup>9</sup> o mesmo que vestido, sentado está na mesma attitude<sup>10</sup> do que quando deitado ou de pé. Que significa isto, que não significa nada?

[*Nossa Senhora do Silencio?*]

5 [4-78 e 79]

[1913<sup>?</sup>]

*L. do D.*

Tu és do sexo das fórmãs sonhadas, do sexo nullo das figuras □

Mero perfil ás vezes, mera attitude outras vezes, outras gesto lento apenas<sup>1</sup> — és momentos, attitudes, espiritualizadas em minha/s/.

Nenhum fascínio do sexo se /subentende/ no meu sonhar-te, sob a tua veste vaga de madona<sup>2</sup> dos silêncios interiores. Os teus seios não são dos que se podem<sup>3</sup> pensar em beijar-se. O teu corpo é todo elle carne-alma, mas não é alma é corpo. A materia da tua carne não é espirito mas é espiritual.<sup>4</sup> És a mulher anterior á Queda, esculptura ainda d'aquelle barro que □ paraíso.<sup>5</sup>

O meu horror ás mulheres reaes<sup>6</sup> que teem sexo é a estrada por onde eu fui ao teu encontro. As da terra, que para serem □ teem de supportar o peso agitado<sup>7</sup> de um homem — quem as pode amar, que não se lhe desfolhe o amôr na antevisão de prazer que serve ao sexo /enfervido de negro/?<sup>8</sup> Quem pode respeitar a Esposa sem ter de [78<sup>v</sup>] pensar que ella é uma mulher n'outra posição de copula. Quem não se enoja de ter mãe por ter sido tão vulgar na sua origem, tão nojentamente expellido para o mundo?<sup>9</sup> Que nojo de nós não punge a idéa da origem carnal da nossa alma — d'aquelle irrequieito<sup>10</sup> □ corporeo d'onde a nossa carne nasce, e, por bella que seja, se desfeia<sup>11</sup> de origem e se nos enoja de nata.

Os idealistas falsos da vida-real douram de poesia<sup>12</sup> á Esposa, ajoelham á idéa de Mãe... O seu<sup>13</sup> modo de sonhar<sup>14</sup> é uma veste que tapa, não é um sonho que crie.

Pura só tu[,] Senhora dos Sonhos,<sup>15</sup> que eu posso conceber amante sem conceber macula porque és irreal. A ti posso-te conceber mãe[,] adorando-o,<sup>16</sup> porque nunca te manchaste nem do horror de seres fecundada, nem do horror de parires.

Como não te adorar,<sup>17</sup> se só tu és adoravel? Como não te amar,<sup>18</sup> se só tu és digna do amor?

Quem<sup>19</sup> sabe se sonhando-te eu não te crio, real n'outra realidade; se não serás minha alli, n'um outro e puro mundo, [79] onde sem corpo tactil nos amaremos<sup>20</sup>, com outro geito de abraços e outras attitudes essenciaes de posse/s/<sup>21</sup>? Quem sabe mesmo se não existias já e não te criei mas<sup>22</sup> te vi apenas, com outra visão, interior e pura, n'um outro e perfeito mundo? Quem sabe se o meu sonhar-te não foi o encontrar-te simplesmente, se o meu amar-te não foi o ver-te<sup>23</sup>, se o meu desprezo pela carne e o meu nojo pelo amôr não fôram a obscura ancia com que, ignorando-te, te esperava, e a vaga aspiração com que, desconhecendo-te, te queria?

Não sei mesmo já [se] não te amei já<sup>24</sup>, n'um vago cuja saudade este meu tedio perenne talvez seja<sup>25</sup>. Talvez sejas uma saudade minha<sup>26</sup>, corpo /de ausencia/, presença de Distancia, femea talvez por outras razões que não as de sel-o.<sup>27</sup>

Posso pensar-te virgem e também mãe<sup>28</sup> porque não és d'este mundo. A creança que tens nos braços nunca foi mais nova para que houvesse de a sujar de a ter no ventre. Nunca foste outra do que és e como não seres virgem portanto?<sup>29</sup> Posso amar-te e também adorar-te<sup>30</sup> porque o meu amor não te possui e a m[inha] adoração<sup>31</sup> não te afasta.

[79<sup>v</sup>]

Sê o Dia-Eterno<sup>32</sup> e que os meus poentes sejam<sup>33</sup> raios do teu sol, possui [n]do-se em ti!<sup>34</sup>

Sê o Crepusculo<sup>35</sup> Invisível<sup>36</sup> e que as minhas ancias e desasocegos sejam as tintas da tua indecisão e as sombras<sup>37</sup> da tua incerteza.

Sê a Noite Total<sup>38</sup>, torna-te a Noite Unica e que todo eu<sup>39</sup> me perca e me esqueça em ti, e que os meus sonhos brilhem, estrelas, no teu corpo de distancia<sup>40</sup> e negação...

Seja eu as dobras do teu manto, as joias da tua /tiara/, e o ouro astreo<sup>41</sup> dos aneis dos teus dedos.

Cinza na tua lareira, que importa que eu seja pó? Janella no teu quarto[,] que importa que eu seja espaço? Hora □ na tua clepsydra que importa que eu passe<sup>42</sup>, se por ser teu ficarei, que eu morra se por ser teu não morrerei<sup>43</sup>, que eu te perca se o perder-te é encontrar-te?<sup>44</sup>

Realizadora dos absurdos, seguidora de frases<sup>45</sup> sem sexo<sup>46</sup>. Que o teu silencio me embale, que a tua □ me adormeça, que o teu mero-sêr me acaricie e me amacie e me conforte, ó heraldica do Além, ó imperial de /Ausencia/; Virgem-Mãe de todos os Silencios,<sup>47</sup> Lareira das almas /que teem frio/, Anjo da guarda dos abandonados<sup>48</sup>, Paysagem humana — irreal de triste —<sup>49</sup> eterna Perfeição.

[*Nossa Senhora do Silencio?*]

6 [4-76 e 77<sup>r</sup>]

[1913?]

*L. do Des.*<sup>1</sup>

A m[inha] vida é tão triste, e eu nem penso em choral-a; as m[inhas] horas tão falsas, e eu nem sonho o gesto de partil-as.

Como não te sonhar? Como não te sonhar?

Senhora das Horas que Passam, Madona das aguas stagnadas e das algas mortas, Deusa Tutelar dos desertos abertos e das paysagens negras de rochedos estereis...<sup>2</sup> — livra-me da m[inha] mocidade.